

**Boletim do GEPL**

**Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica**

**Número 5, 2021**

\* \* \* \* \*

**Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Departamento de Linguística  
Instituto de Letras  
Universidade de Brasília**



**Organizadores:**

Hildo Honório do Couto  
Anderson Nowogrodzki da Silva

## SUMÁRIO

1. Introdução
2. Miniartigo
2. Minirresenha
4. Encontros e palestras
5. Publicações
  - 5.1. Livros
  - 5.2. Artigos e capítulos de livros
6. Teses e dissertações ecolinguísticas
7. O que é ecolinguística?
8. Varia

\* \* \* \* \*

### 1. INTRODUÇÃO

Aqui está o quinto número do *Boletim do GEPLÉ*, com muitas informações sobre o que acontece na Ecolinguística tanto no Brasil quanto nos demais países do mundo. O número começa com um miniartigo e uma minirresenha de um livro de aplicação da teoria da Linguística Ecolinguística a fenômenos da linguagem rural. Em seguida vem uma lista de palestras proferidas no âmbito da Ecolinguística, no que se incluem alguns eventos. A seção seguinte elenca os livros, artigos e capítulos de livros publicados que chegaram a nosso conhecimento. A seção 6 alinha diversas teses e dissertações ecolinguísticas defendidas em universidades brasileiras.

A seção 7 é uma novidade. Ela apresenta algumas perguntas sobre o que é Ecolinguística, feitas durante a International Conference on Ecolinguistics 4, Odense, Dinamarca, 12 a 15 de agosto de 2019. Como não houve resposta satisfatória, alinhamos algumas teses e dissertações que poderão ser consideradas de cunho ecolinguístico se a disciplina for definida apenas pelo objeto de estudo, mesmo que algumas delas tenham sido escritas antes do advento da Ecolinguística como disciplina acadêmica. Por fim, temos a seção Vária, com algumas informações adicionais.

\* \* \* \* \*

### 2. MINIARTIGO

#### **A pandemia de Covid-19 e os efeitos do discurso obscurantista instaurado nas redes sociais**

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/GEPLÉ)

O presente artigo tem por objetivo discutir os efeitos da disseminação do discurso obscurantista no Brasil durante a pandemia de COVID-19, além de enfatizar suas implicações e reflexos para o discurso científico e para a sua legitimidade social. Observou-se que as redes sociais digitais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter etc.*) se tornaram ambientes virtuais em que se proliferam em grande escala e com extrema velocidade enunciados que possibilitam constituir e reafirmar as identidades dos usuários. Tomou forma, desse modo, um sistema em que o que se diz importa menos do que o modo como o dizer reitera a face criada para o usuário. A interação comunicativa virtual pressupõe que se compartilhe com velocidade, já que as informações não cessam em se atualizar, e as redes sociais virtuais propiciam um ambiente confortável para que se leiam apenas textos curtos (sem ser necessário procurar fontes ou fazer uma leitura crítica) e para que se possa compartilhá-los com apenas um toque, que é condicionado pela imagem de si que se busca criar para a audiência invisível com quem se está conectado. Abre-se espaço, assim, para a reprodução massiva de enunciados que não compactuam com fatos (as chamadas *Fake News*). A democratização dos ambientes virtuais aliada ao cenário político-social instaurado no Brasil em 2020 possibilitou a emergência de um forte negacionismo científico, sustentado pela difusão das *Fake News*, já que uma série de perspectivas discursivas que permeiam a atualidade se alicerçam na oposição ao discurso científico. Partindo da perspectiva da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica, propostas por H. Couto (2010) e H. Couto, E. Couto e Borges (2015), e dos princípios da interação comunicativa virtual proposta por Nowogrodzki da Silva (2017), observa-se que o discurso obscurantista virtual e sua legitimação feita por figuras públicas, tendo por base *fake news* ou a distorção dos fatos, estabeleceram e disseminaram valores de verdade que se opõem ao que já era tido como axioma pela ciência. Deslegitima-se o discurso científico a fim de exaltar elementos ideológicos que perpassam identidades, como o conservadorismo, a moralidade cristã, a ideologia neoliberal, o nacionalismo e a idolatria da força militar na condução do Estado. Para clarificar essas relações, analisam-se enunciados compartilhados via *Facebook* que reproduzam o discurso obscurantista, buscando entender o impacto que causam nos diversos âmbitos da sociedade durante um momento calamitoso, como a pandemia de COVID-19, no Brasil.

\* \* \* \* \*

### 3. MINIRRESENHA

**-Hildo Honório do Couto.** *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica.* Campinas: Pontes, 2021, 159p.

Resenhado por Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*).

Este livro consta basicamente de artigos que o autor vinha publicando sobre sua região natal, mencionada no título. Apenas o último foi escrito especialmente para o livro. São eles: 1) Bases teóricas; 2) Bases teóricas; 2) A comunidade de fala Fazenda Capivarinha; 3) Nomes de lugares: a microtoponímia na interação pessoa-pessoa e pessoa mundo; 4) Nomes de pessoas: apelidos; 5) Nomes de animais domésticos; 6) Nomes de plantas e etnomedicina; 7) Comunicação humano-animal numa fazenda; 8) A memória e a existência da comunidade; 9) Narrativas orais; 10) O livro contém ainda um Prólogo pela

ecolinguista galega Teresa Moure (Universidade de Santiago de Compostela) e um Epílogo pelo catalão Pere Comellas-Casanova (Universitat de Barcelona), em língua catalã. Parte desse Epílogo foi reproduzida na quarta capa, em português. O livro contém ainda três apêndices:

- “Apêndice I: Apelidos registrados em 2010”, publicados num livrinho produzido por alunos da Escola Estadual Major Mota, de Major Porto, organizado pela professora Marli Aparecida Barbosa Coimbra;
- “Apêndice II: O menino e o cavalo que falava” (história contada por Ferro Veio, 1974);
- “Apêndice III: Regras Interacionais” (componente importante da Linguística Ecolinguística). Antes de tudo isso, porém, vem a Introdução.

O capítulo 1 apresenta sumariamente a teoria da Linguística Ecolinguística que subjaz a todos os capítulos do livro. O capítulo 2 toma uma fazenda da região, Fazenda Capivarinha (mesmo tendo ela já desaparecido), como exemplo para discutir um dos conceitos centrais da Linguística Ecolinguística, a comunidade de fala (qualquer domínio de uma língua delimitado pelo investigador para estudar), por oposição à comunidade língua (o domínio total do que chamamos ‘língua’). Do capítulo 3 ao 7, fala-se de como as pessoas da região conversam sobre seu entorno, a exemplo dos nomes que dão ao que aí se encontra, como se vê nos títulos dos.

A meu ver, há pelo menos três inovações neste livro. A primeira é o próprio fato de aplicar uma teoria bastante jovem à descrição de fatos linguísticos de um dialeto rural, mostrando que ele não é uma derivação do dialeto urbano e muito menos do estatal. Ele é o que é, apesar de a Sociolinguística Variacionista o ver (e os demais dialetos) como mera “variação” deles. A segunda inovação é mostrar, como Edward Sapir já havia feito em 1911, que os membros das comunidades (de fala e de língua) dão nome àquilo de que precisam falar em sua vida quotidiana, ou seja, mostrar que itens da toponímia, hidronímia, antroponímia, zoonímia, fitonímia e outros recebem um nome para poder falar deles (interação pessoa-mundo: referência) no processo de interação deles entre si (interação pessoa-pessoa: comunicação).

Uma terceira inovação é o ter estudado a interação humano-animal em uma fazenda, em 1987. Mostra que termos se usavam para interagir com bois, vacas, cavalos, cachorros etc. O falecido fonólogo americano John Ohala disse na época que se tratava de um veio de pesquisa inteiramente novo. Esse objeto de estudo está desaparecendo no bojo do avassalador processo de globalização. A quarta inovação foi ter mostrado no capítulo 8 (e no 2) que as comunidades existem enquanto houver pessoas que tiverem memória dos fatos que as constituem e que esses fatos podem desaparecer paulatinamente, com o que a memória também vai se alterando. Se um dos componentes do ecossistema linguístico que constituem a comunidade de fala (P, T) desaparecer, desaparece também a comunidade. No caso, desapareceram os dois, P e T. O que garantiria a continuidade da comunidade é o espaço (território) e a sequência de gerações.

A quinta inovação consiste no fato de ter mostrado que histórias (narrativas) aparentemente desconjuntadas – com muitas elipses, omissão de episódios, antecipações, postergações etc. – devem ser analisadas fazendo uso das categorias da Gramática Gerativa chamadas estrutura profunda ou subjacente e estrutura superficial, categorias essas tomadas da *Grammaire générale et raisonnée de Port Royal* (1660). Isso é muito comum na fala espontânea. O autor mostrou que mesmo quando o narrador conta uma mini-história como a da página 123, que parece um conjunto de *disjecta membra*, tanto ele quanto seu ouvinte sabem (competência linguística) que por trás dela há uma estrutura lógica (estrutura subjacente), que não obedecem à risca por questões de economia. Como disse Ockham, não é necessário fazer com mais o que se pode fazer com menos. Como sabemos, nas interações comunicativas prototípicas, tudo que puder ser dispensado é

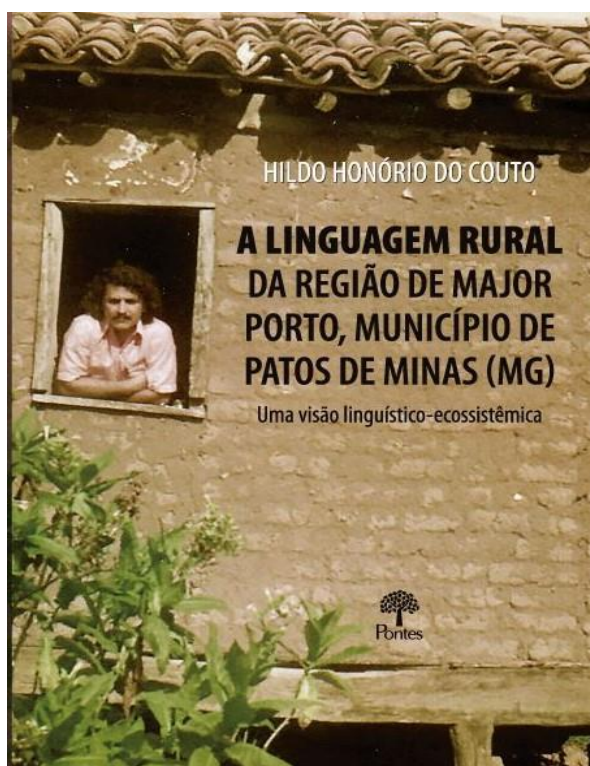
dispensado, tudo que puder ser feito para economizar recursos expressivos e tempo é feito.

Vou terminar esta minirresenha com o que o autor disse no segundo parágrafo da Introdução ao livro (p. 17):

O livro é uma humilde homenagem que eu sempre quis prestar ao lugar em que nasci e seus arredores, numa tentativa de trazer ao conhecimento da academia e dos habitantes da cidade em geral um pouco de uma linguagem e de uma cultura que estão desaparecendo no bojo do processo de nivelamento cultural que está tomando conta do mundo inteiro. Não se trata de saudosismo, mas de registrar um pouco de nosso passado recente, de nossa história, no espírito do que fez Amadeu Amaral com a linguagem rural do interior de São Paulo (AMARAL, 1920) e Cornélio Pires com a cultura e a música da mesma região. A diferença entre o trabalho desses pioneiros e o meu é que eu uso uma teoria linguística atual para interpretar os dados, coisa de que eles não dispunham. Nesse sentido este livro traz adicionalmente ao conhecimento dos leitores um pouco da teoria ecolinguística, especialmente de seu ramo brasileiro chamado Linguística Ecolinguística.

### Referência

AMARAL, Amadeu. 1982. *O dialeto caipira*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 1920.



Parte da casa sede da Fazenda Capivarinha.

\* \* \* \* \*

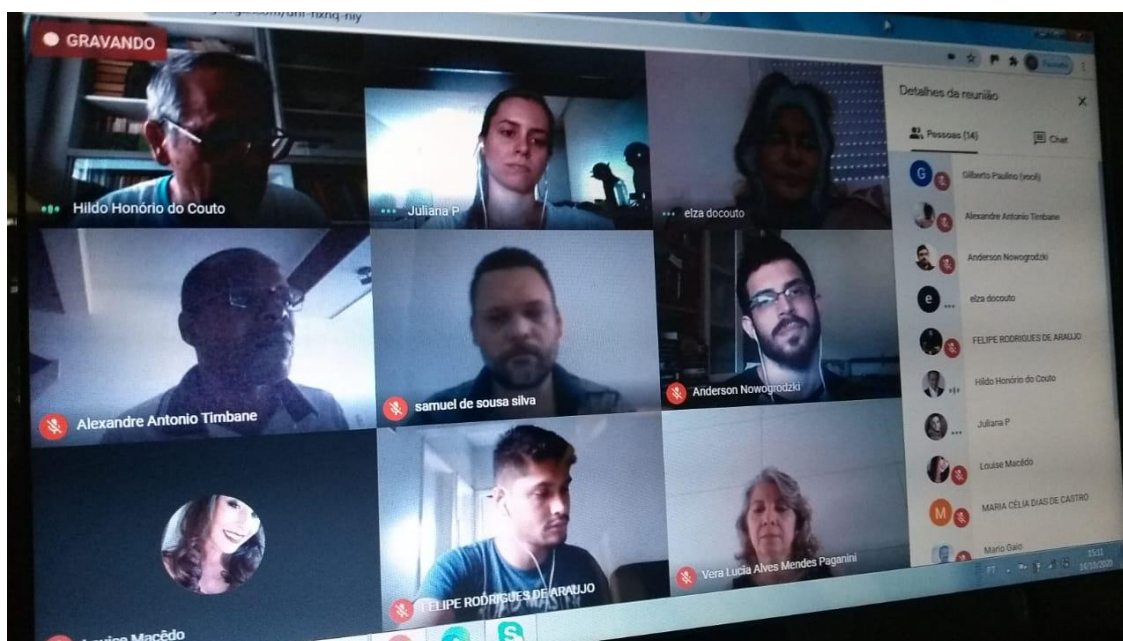
## 4. ENCONTROS E PALESTRAS

1. No dia 07/10/2020, houve o primeiro de vários **encontros virtuais do NELIM** (Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário), da UFG, pelo Google Meet, em que se discutiram algumas questões mais difíceis da Ecolinguística e da Linguística Ecolinguística. O evento foi coordenado pela líder do NELIM, Elza Kioko N. N. do Couto, tendo a participação de Hildo H. do Couto (UnB), Gilberto P. Araújo (UFT-

Arraias), Alexandre Timbane (UNILAB-BA), Anderson Nowogrodzki da Silva (CEPAE-UFG, UnB), Zilda Dourado (UEG-Quirinópolis), Heloanny de Freitas Bandão, Vera Lúcia Paganini, Natália Reis, Felipe Rodrigues de Araújo, Eduwesley Pereira da Silva, Michelly Jacinto Luiz, Cláudia Borges de Lima, Genis Frederico Schmaltz Neto, Juliana Batista do Prado, Jorge Lucas Marcelo dos Reis, dentre outros. Eis uma imagem parcial dos participantes:



2) Em 14 de outubro de 2020, houve um segundo encontro do grupo, em que Hildo Honório do Couto falou sobre a “Ecologia da interação comunicativa”. Imagem parcial dos participantes:



3) ICE-5 – International Conference on Ecolinguistics - *Ecolinguistics in action: tackling real-world issues*, inteiramente online, usando o Zoom, em Liverpool, de 12 a 14 de abril de 2021. O tema este ano é “Ecolinguistics in Action: Real-World Issues” A participação é livre, basta se inscrever on Eventbrite em

[5th International Conference on Ecolinguistics Tickets, Mon 12 Apr 2021 at 09:15 | Eventbrite](#)



Site do evento: <https://ice5.org/>

Nosso colega **João Nunes Avelar Filho** participará com a comunicação “The Brazilizn cerrado: from devastation to glory”.

4) No dia 07 de abril de 2021, às 14 horas, **Hildo H. do Couto** proferiu a palestra “Linguística Ecosistêmica” online no contexto do Curso Tópicos em Discurso e Sociedade – ADE, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Além dos alunos regulares, houve participação da Argentina, do Chile e da Holanda. Foi apresentada uma síntese da teoria e algumas possibilidades de aplicação.

\* \* \* \* \*

## 5. PUBLICAÇÕES

### 5.1. LIVROS

1. **Peter Makwanya** (org). *A Handbook for Climate change. Communication, Education and Awareness in Zimbabwe*. Gweru, Zimbábue: Dream Discovery Publishers, 2020. Talvez seja o primeiro livro sobre o assunto publicado na África. Como se vê pelo Sumário (Table of contents), o livro consta de seis partes, cada uma com muitos capítulos. Na Parte 1 são 28; na 2, 29; na 3, 30; na 4, 12; na 5, 22; na 6, 8 capítulos. São, portanto, 129 capítulos. É uma quantia extraordinária de capítulos.

#### Table of contents

##### 1.0. Climate change adaptation

- 1.1. Understanding climate change adaptation, mitigation predicament
- 1.2. Rain-water harvesting techniques for climate change adaptation, mitigation
- 1.3. Climate change adaptation, mitigation, takes into account urban areas too
- 1.4. Integrate IKS with climate change adaptation, mitigation
- 1.5. Integrating indigenous knowledge systems, climate change with multimedia technologies
- 1.6. Indigenous knowledge systems against monetisation of nature
- 1.7. Integrating indigenous forest seeds in sustainable development
- 1.8. Utilisation of local forest fruit products to mitigate climate change
- 1.9. Resuscitating the loss of IKS for environmental sustainability
- 1.10. Considering wetland reclamation for climate change adaptation, mitigation
- 1.11. Role of wetlands in fight against greenhouse gases
- 1.12. Engaging in wetland restorations to boost the natural ecosystems
- 1.13. Wetlands preservation for sustainable value chains
- 1.14. Small-scale projects vital for water resources and infrastructure development
- 1.15. Small-scale water users fuelling community based water conflicts
- 1.16. Sustainability of Zimbabwe’s high groundwater tables in changing climate
- 1.17. Water governance critical for a sustainable climate policy
- 1.18. Dam safety critical in water conservation
- 1.19. Farming systems, opportunities, challenges, future insights in Zimbabwe
- 1.20. Farmers need to prepare against climate shocks
- 1.21. How government can protect small-scale farmers against climate change
- 1.22. The risks of cotton farming in Zimbabwe
- 1.23. Tobacco farmers should lead reforestation programmes
- 1.24. Artisanal mining activities: An environmental time-bomb
- 1.25. Role of local communities in fighting Illegal wildlife trafficking
- 1.26. Building resilience to natural disasters, in Zimbabwe
- 1.27. Failure to plan for climate change, the consequences
- 1.28. Rivers rehabilitation significant in the face of climate change

##### 2.0. Climate change communication

- 2.1. Climate change communication approaches, should be ongoing
- 2.3. Effective communication will save environment
- 2.4. Significance of grassroots voice in climate change communication
- 2.5. Communication vital in environmental management
- 2.6. Communicating gender issues in climate change adaptation, mitigation
- 2.7. Communicating climate change using environmental games at schools
- 2.8. Communicating forest governance for children in developing countries



- 2.9. Digital storytelling for children key to climate change communication
- 2.10. Indigenous hardwood trees communicate climate resilience
- 2.11. Communicating record keeping in disaster zones in Zimbabwe
- 2.12. Climate information centres vital for rural development
- 2.13. Communicating climate change through climate fiction
- 2.14. Communicating climate change through sport
- 2.15. Branding and climate change: How is Zimbabwe coping
- 2.16. The role of communication in reducing carbon footprints
- 2.17. Role of framing in climate change communication
- 2.18. Communicating ethical aspects of climate change
- 2.19. How environmental metaphors can impact on climate change communication
- 2.20. Communicating climate-smart agriculture, prospects, challenges
- 2.21. Pitfalls of communicating climate change awareness information in Zimbabwe
- 2.22. Introducing Ecolinguistic paradigm to climate change communication
- 2.23. Communicating low-carbon initiatives for climate action
- 2.24. Challenges of communicating community-based adaptation strategies
- 2.25. Split personality syndrome of climate change communication
- 2.26. Communicating climate change adaptation, resilience in Zimbabwe
- 2.27. The role of visual images in communicating climate change
- 2.28. Communicating Nature for people not people for nature
- 2.29. Community based Early Warning Systems vital in a changing climate

### **3.0. Climate change education, awareness and training**

- 3.4. Death of reading culture affects climate engagement
- 3.5. The role of quality education in implementing SDGs
- 3.6. Promoting climate change leadership in school children
- 3.7. Unpacking 'sustainability' for education for sustainable development
- 3.8. Avail consumer education with climate literacy for sustainable development
- 3.9. Environmental games that foster sustainability
- 3.10. Language as an enabling factor in climate policy awareness
- 3.11. Lack of climate change literature stifles development
- 3.12. Promoting primary children in climate protection activities vital
- 3.13. Interactive climate change participatory cultures and literacies for secondary schools
- 3.14. Children suffer the brunt of climate change effects
- 3.15. The effects of consumerism on human beings, environment
- 3.16. Situating rural children in climate change discourse
- 3.17. Networking, coalitions necessary for climate awareness
- 3.18. Role of language in climate policy awareness
- 3.19. E-waste, a health challenge of the 21st Century
- 3.20. Bridging the climate change education gap in Zimbabwe
- 3.21. Use of climate change opinion leaders in knowledge dissemination
- 3.22. Role of stickers in climate change literacy
- 3.23. Role of values in climate change community engagement
- 3.24. Reducing carbon footprints in the home
- 3.25. Using historical evidence to educate people about climate change's impacts
- 3.26. Role of climate change knowledge brokers
- 3.27. Exploring ecopreneurship skills for youths' empowerment
- 3.28. Food knowledge vital for sustainable buying
- 3.29. Knowledge of tourist destinations vital in environmental management
- 3.30. Absence of children's climate change literature regrettable

### **4.0. Renewable energy**

- 4.1. Solar energy a priority for the poor
- 4.2. Renewable energy evades developing countries
- 4.3. Lack of commitment to clean energy funding
- 4.4. Solar power sustainable alternative for addressing energy poverty
- 4.5. Africa should harness clean energy sources
- 4.6. Environmental situations favouring green technologies, entrepreneurship
- 4.7. Rethinking on green funding for climate solutions
- 4.8. The placement of the poor in the clean energy matrix
- 4.9. Carbon emission gaps reductions proving difficult
- 4.10. Challenges towards phasing out of fossil fuels, a global puzzle
- 4.11. Wood fuel as a source of energy
- 4.12. Used cars remain a major environmental concern

### **5.0. Politics of climate change**

- 5.4. Politicians' need climate change literacy

- 5.5. Political elites' bad ambassadors of environmental change
- 5.6. Climate change conference: a case of politicians, negotiators
- 5.7. Unpacking the political-ideological dimensions of climate change
- 5.8. Climate change negotiations, is Africa benefitting?
- 5.9. The nature of power relations in climate change negotiations
- 5.10. Climate change as a national security threat
- 5.11. Likely effects of overpopulation on climate change downplayed
- 5.12. Poor nations at bottom of environment ladder
- 5.13. It's time to address climate injustice
- 5.14. What our leaders don't tell us about fossil fuels
- 5.15. Carbon footprints, an ethical dilemma
- 5.16. The 21st Century, a new wave of climate refugees
- 5.17. Political leaders' role in combatting climate change
- 5.18. Climate change markets versus emissions deadline: The hidden dimensions
- 5.19. Put climate change national policy document into action
- 5.20. How inclusive are UN benchmarks to end poverty?
- 5.21. Climate change versus creating an environment for change
- 5.22. Chiefs' role in environmental protection paramount

#### **6.0. Climate change and the media**

- 6.1. Climate scientists need media skills to shake off closed society tag
- 6.2. Sustainability reporting, financial reporting versus environmental reporting
- 6.3. Industries, media participation in sustainable reporting vital
- 6.4. Community radio stations promote climate media awareness
- 6.5. Lack of African voice in environmental reporting
- 6.6. Environmental discourse requires legal take-off
- 6.7. Challenges of climate change reporting
- 6.8. Radio as a tool for climate information dissemination

\* \* \* \* \*

**2. Hildo Honório do Couto.** *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica.* Campinas: Pontes Editores, 2021. Ver resenha deste livro maia acima!

\* \* \* \* \*

### **3. Bloomsbury Advances in Ecolinguistics**

A editora internacional Bloomsbury deu início à série de livros BLOOMSBURY ADVANCES IN ECOLINGUISTICS, em sua a linha de publicação BLOOMSBURY ACADEMIC, tendo como SERIES EDITORS **Arran Stibbe** (University of Gloucestershire, UK) & **Mariana Roccia** (International Ecolinguistics Association, UK). Eis os livros já publicados e programados para sair:

a) *TESOL and Sustainability: English Language Teaching in the Anthropocene Era*, edited by **Jason Goulah & John Katunich** | HB 9781350115088 |. Publicado em maio de 2020.

b) *Storytelling and Ecology: Empathy, Enchantment and Emergence in the Use of Oral Narratives*, by **Anthony Nanson** | HB 9781350114920 |. Previsto para julho de 2021

c) *Corpus-Aided Ecolinguistics*, by **Robert Poole** | HB 9781350138551 |. Previsto para maio de 2022.

d) *Ecolinguistics and Environment in Education: Language, Culture and Textual Analysis*, by **Emile Farmer** HB 9781350229341 |. Previsto para julho de 2023.

\* \* \* \* \*

## **5.2. ARTIGOS E CAPÍTULOS DE LIVROS**

**1. Tadeu Luciano Siqueira Andrade.** 2019. O jargão como delimitador de espaços urbanos – uma comunidade de travestis do bairro Sete Portas – Salvador (BA): uma análise à luz da Ecolinguística e do Direito Achado na Rua. In: *Introdução crítica ao direito urbanístico* [recurso eletrônico] / (orgs.). José Geraldo de Sousa Junior et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 295-304.

\* \* \* \* \*

**2. Tadeu Luciano Siqueira de Andrade.** 2020a. O ITEM LEXICAL PROSTITUTA NA OBRA DE JORGE AMADO: Uma análise léxico-semântica. Anais do VII Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa. ISBN 978-85-7946-353-2. Disponível em <http://sites-uit.com.br/anais/simelp/resumos/PDF-trab-0165-at127.p.4814-4821>

\* \* \* \* \*

**3. Tadeu Luciano Siqueira de Andrade.** 2020b. As regras interacionais e sistêmicas nos contextos forenses: diálogos possíveis entre o Direito e a Linguística Ecolinguística. Revista da Escola da Magistratura Regional Federal v. 33, n. 1, p. 339-352. <http://seertrf2.jus.br:81/emarf/ojs/index.php/emarf>

\* \* \* \* \*

**4. Elza Kioko do Couto & Anderson N. da Silva.** 2020. Discurso político: Análise do Discurso Ecolinguística e argumentação. In: Oliveira, Esther; Cordeiro, Isabel; Machado, Rosemeri; Silva, Suzete (orgs.). *Discurso e argumentação: tecendo os efeitos de sentido*. Campinas: Pontes, p. 67-86.

\* \* \* \* \*

**5. Hildo Honório do Couto.** 2020. Análise do Discurso Ecolinguística – ADE. *Árboles y rizomas* v. 2, n. 2, 2020, p. 1-14. Disponível em: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas/article/view/4634/26003658>  
<https://doi.org/10.35588/ayr.v2i2.4634>

\* \* \* \* \*

## **6. TESES E DISSERTAÇÕES ECOLINGUÍSTICAS**

**1. Stefanie da Silva Tunes.** 2016. *A ecologia linguística na prática docente do professor de português como língua materna: Uma prática reflexiva*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pelotas, Centro de Educação e Comunicação.

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho foi problematizar a prática de ensino na sala de aula de português como língua materna, olhando para o espaço escolar através de uma visão holística e constatando nas inter-relações praticadas por seus *autores* a ecologia vigente neste meio interativo. Para tanto, nosso referencial teórico compôs-se de autores que tratam das práticas de letramento (Kleiman, 1995) e Soares (1998), sendo nossa concepção de linguagem calcada em Bakhtin (2004). A Ecologia Linguística está baseada nos pressupostos trazidos em Couto (2007; 2012; 2016) e a ecologia é observada segundo os fundamentos de Odum (2011) e Townsend, Begon e Harper (2010). Nossa pesquisa caracterizou-se qualitativa, segundo os conceitos de Duarte (2004) e Senra (1989), cumprida em diálogos com docentes da rede superior de ensino, responsáveis pela formação de professores. Assim, buscamos trazer ao campo dos estudos das práticas de ensino a Visão Ecológica de Mundo – VEM – no propósito de caracterizar a sala de aula como um ecossistema, prestando a esta a devida relevância no concernente à formação do aluno enquanto sujeito, além de observar os lugares ocupados pelo professor e pelo

aluno, à medida que se caracterizam como autores do ambiente escolar e as implicações de tais posicionamentos nas práticas educacionais. Disponível em:

[https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/A-Ecologia-Linguística-na-Prática-Docente-do-Professor-de-Português-como-Língua-Materna\\_uma-Prática-Reflexiva-Stefanie-da-Silva-Tunes.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/A-Ecologia-Linguística-na-Prática-Docente-do-Professor-de-Português-como-Língua-Materna_uma-Prática-Reflexiva-Stefanie-da-Silva-Tunes.pdf)

\* \* \* \* \*

**2. Kelly Cristina Nascimento Day.** 2016. Políticas linguísticas educativas em conflito no Amapá: impactos e contradições da LDB 9394/96 e da Lei 11.161/05. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense.

**Resumo:** Discutir políticas linguísticas implica em considerar a natureza das línguas e de sua relação com a sociedade. Dito isso, inscrevemos este trabalho no quadro teórico da política linguística (Haugen, 1964; Calvet, 1996, 2002, 2007; Maurais, 1987; Ousseu, 2005; Petitjean, 2006; Kloss, 1969; Beacco & Byram, 2003) da ecolinguística (Haugen, 1970, 1972; Calvet, 1999, 2007; Couto, 2009, 2012) e, portanto, da sociolinguística. A proposta desta tese configura-se em uma reflexão avaliativa da política linguística brasileira para o ensino de línguas estrangeiras tendo como ponto de partida a implementação, desde 2005, da Lei 11.161/2005 que situa a língua espanhola como "língua de oferta obrigatória" em todas as escolas de ensino médio no Brasil. Esta Lei, na prática - e são, efetivamente, os efeitos práticos que discutimos - se contrapõe ao que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96, à medida em que esta última permite, à toda comunidade escolar, escolher suas línguas estrangeiras a partir de suas características geopolíticas e sócio-históricas. Aparentemente "conciliáveis" em todo o território nacional, mas sobretudo nos grandes centros urbanos, estas duas legislações entram em choque na fronteira franco-brasileira devido à situação geopolítica e à condução da implementação do aparato regulatório no Amapá. Para melhor situar a questão do ensino de línguas no Amapá, em uma perspectiva ao mesmo tempo central e periférica, e abordar o enquadramento das relações transfronteiriças que definem e relativizam o espaço do francês, do português e das línguas ditas estrangeiras na fronteira franco-brasileira, propusemos inicialmente uma análise contextualizada da LDB 9394/96, do aparecimento da Lei 11.161/2005 e uma abordagem ecolinguística da fronteira Amapá-Guiana Francesa. O objetivo deste trabalho é, portanto, elaborar um quadro avaliativo da política de ensino de línguas estrangeiras na zona fronteiriça, que considere as repercussões da aplicação conjunta das supracitadas leis sobre a política linguística educativa regional. Vislumbra-se particularmente, com isso, definir o status oficial do inglês, do espanhol e do francês no ensino de línguas no Amapá; mensurar até que ponto as línguas ensinadas refletem as escolhas da comunidade escolar; reunir e analisar as diferentes legislações que norteiam o ensino de línguas no Estado, além de lançar luz sobre as interpretações que lhes são atribuídas pelos dirigentes públicos e gestores escolares, analisando a existência ou não de "conflito legislativo" entre os instrumentos jurídicos da política linguística educativa brasileira e a influência coercitiva direta e indireta do Estado brasileiro sobre as escolhas das línguas nas escolas. Para isso propusemos uma pesquisa analítico-descritiva, tendo como fundamento uma perspectiva tanto quantitativa quanto qualitativa de análise dos dados. As respostas encontradas apontam para uma política linguística impositiva, homogeneizadora, diretamente conduzida pelos interesses político-econômicos do Estado que desvirtuam os princípios norteadores da LDB. Disponível em:

\* \* \* \* \*

3. **Roberto dos Santos Sotero.** 2019. *Do que não te semente: Reflexões ecolinguísticas sobre a categorização nominal no Wakalitesú.* Dissertação de mestrado, UFPE

**Resumo:** Sob os preceitos da ecolinguística, a qual defende que a linguagem deve ser estudada como uma totalidade integrada, por um posicionamento mais questionador dos modelos investigativos, o presente trabalho busca refletir sobre como os falantes do Wakalitesú, pertencente à família linguística Nambikwára, categorizam por meio da classe nominal de palavras o mundo ao redor. Ainda na primeira metade do século XX, Lévi-Strauss (1948) apontou para uma variação final dos substantivos nas línguas dessa família que corroboraria sua divisão dos grupos estudados. O antropólogo francês referia-se, já então, aos morfemas chamados, em trabalhos posteriores de descrição linguística, de artigos, de sufixos nominais finais ou de sufixos referenciais. No entanto, os estudos sobre esses fenômenos ainda são permeados por uma forte opacidade. Esta pesquisa, a partir da análise do sistema de sufixação referencial nos nomes do Wakalitesú, propõe-se a contribuir com os estudos sobre a categoria nominal das línguas Nambikwára e a promover as discussões mais gerais e basilares sobre a natureza das categorizações linguísticas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, na qual foram coletadas cerca de 46 horas de gravação com falantes nativos da língua, situados na região de cerrado mato-grossense. Respaldaado nos conceitos de referência construtiva e de referência identificante, presentes na teoria funcionalista de Dik (1989), o estudo propõe uma compreensão para os sufixos referenciais que abrange a possibilidade do falante de marcar o termo para o qual ele vai ajudar o ouvinte a construir uma referência e aquela de apontar o termo cuja referencialidade está concluída. Essa proposta, no entanto, surge consciente de que qualquer categoria científica nasce de um campo epistemológico específico e, portanto, é incapaz de descrever precisamente a realidade das coisas. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/35989/1/DISSERTAÇÃO%20Roberto%20dos%20Santos%20Sotéro.pdf> .

\* \* \* \* \*

4. **Greicy de Jesus Coelho.** *O ensino-aprendizagem de língua portuguesa na Educação do Campo em Manaus: um estudo de caso à luz da Ecolinguística.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Amazonas, 2019.

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa direcionada à Educação do Campo nas escolas de Manaus em sua realidade ecolinguística. Os objetivos específicos foram avaliar as experiências individuais dos participantes, refletindo sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no contexto da Educação do Campo, valorizando a linguagem territorial; averiguar de que maneira as Diretrizes que orientam a Educação do Campo em Manaus (MANAUS, 2017a) concernente à Língua Portuguesa são praticadas em sala de aula e identificar as possibilidades de desenvolvimento e fortalecimento do ensino-aprendizagem à luz da Ecolinguística, levando em consideração a perspectiva dos professores. O aporte teórico referente à Educação do Campo foi baseado em Arroyo (2010) e Caldart (2004a; 2004b); a Ecolinguística, fundamentada em Couto (2007, apud HAUGEN, 1972) e Sapir (1969); a Formação de professores, baseada em Borges (2014); as Diretrizes que norteiam a Educação do Campo em Manaus foram ancoradas na Resolução CNE/CEB (BRASIL, 2002) e no Plano Estadual de Educação do Amazonas PEE/AM - 2008-2018 (AMAZONAS, 2008). Esta pesquisa foi baseada no paradigma qualitativo de cunho etnográfico (BORTONI-RICARDO, 2008; PROETTI 2005),

utilizando o estudo de caso (ANDRÉ, 2005; NISBET; WATT, 1978) como referencial metodológico. Os contextos de realização da pesquisa foram a Escola Municipal São José I e a Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos na zona rural do município de Manaus, tendo como participantes quatro professores do componente curricular de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental I e II. Os instrumentos de geração de dados selecionados foram questionários, entrevista e observação em sala de aula. Os resultados apontaram que o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa encontra questões a serem solucionadas para que se efetive o proposto nas leis e parâmetros educacionais para o contexto da educação do campo, pois as políticas públicas não contemplam efetivamente essa realidade de ensino. Evidenciaram-se dificuldades nas práticas de ensino de Língua Portuguesa que estejam de acordo com a realidade rural por falta de formação adequada dos professores, de estratégias e projetos que respeitem as particularidades locais, além do material didático que só contempla a educação urbana, e não reconhece a realidade rural. Ao final do trabalho, sugerem-se possíveis aplicações pedagógicas oriundas desta pesquisa e sugestões para efetivar o currículo contextualizado a zona rural. Disponível em: [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8061/8/Disserta%  
o\\_PPGL.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8061/8/Disserta%c3%a7%c3%a3o_GreicyCoelho_PPGL.pdf)

\* \* \* \* \*

5. **Maria Ivone Alves da Silva.** 2020. *Redes de contato de povos e línguas na Amazônia no contexto migratório venezuelano.* Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

**RESUMO:** Nesta pesquisa temos como **objetivo geral** analisar o contato de povos e línguas numa rede social no contexto fronteiroço Brasil-Venezuela. E como objetivos específicos: **mapear** a rede social do EGO estudado considerando estrutura, densidade e complexidade; **caracterizar ocorrências linguísticas** na fala dos membros da rede de contato que possam indicar a presença de fenômenos linguísticos específicos; e **apontar os caminhos linguísticos** que estão sendo construídos, a fim de caracterizar a questão regional amazônica, além das fronteiras nacionais; A fundamentação teórica perpassa por textos históricos, geográficos, sociolinguísticos para apresentar uma análise final dentro da perspectiva ecolinguística. Discutimos sobre os contatos na América do Sul: a realidade amazônica; a formação do estado venezuelano: relações e contatos fronteiroços com o Brasil, até chegarmos nas questões atuais da migração para depois trabalharmos na análise deste documento os fenômenos linguísticos que aparecem nas falas dos membros da rede de contato delineada nesta pesquisa. Trabalhos importantes como Labov (1972), Milroy (1992), Calvet (2002), Bessa (2003), Zurita (2007), Anderson (2008), Couto (2007, 2009), Bortoni-Ricardo (2011) e Moreira (2018). A metodologia que utilizamos para a pesquisa foi o estudo das redes sociais por meio de entrevista semi-estruturada. Que transcritas são observadas os fenômenos linguísticos que surgem nas falas. Como resultados possíveis, podemos dizer, a priori, que a rede se estende por toda a Amazônia internacional e que esta rede leva consigo as mudanças e impactos na língua de uso cotidiano nos ambientes por onde os membros passam. Disponível em:

6. **José Hani Karajá.** 2015. *As madeiras e seus usos no universo sócio-cultural do povo Iny.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Tocantins/Pós-Graduação em Ciências do Ambiente.

**Resumo:** Este trabalho da pesquisa foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, linha 2, Natureza, Cultura e Sociedade, e trata sobre a relação ecolinguística do Povo Iny em termos de fortalecimento da língua materna. O objetivo da



pesquisa foi compreender melhor a relação entre as madeiras e seus usos no universo Inỹ e o meio ambiente, bem como as técnicas de usos de elementos do meio ambiente através das madeiras, relacionando esse tema com a prática da língua Inỹ rybe (língua karajá). A pesquisa foi realizada através de levantamento documental, observações e levantamentos de campo, e conversas e entrevistas com anciões da Aldeia Fontoura, na Ilha do Bananal, Estado do Tocantins. Que mudanças de língua vêm ocorrendo no decorrer do tempo? Isso que me levou a ser estimulado, pois o pretendo a contribuir para fortalecer a língua materna do meu povo Inỹ. Disponível em:

[Repositório UFT: As madeiras e seus usos no universo sócio-cultural do povo Inỹ](#)

\* \* \* \* \*

## 7. O QUE É ECOLINGUÍSTICA?

-Durante o International Conference on Ecolinguistics 4, Odense, Dinamarca, 12 a 15 de agosto de 2019, foram feitas as seguintes perguntas:

1) Pode uma disciplina científica ser definida apenas pelo objeto de estudo?

-Não houve nenhuma resposta satisfatória ou convincente, de modo que a pergunta continua esperando por uma resposta.

2) Se aplicarmos uma teoria linguística existente, como a análise do discurso crítica de Fairclough, na análise de um problema ambiental, estaremos fazendo ecolinguística?

-De novo não houve resposta convincente. Se a resposta for afirmativa, então desde que se começou a falar de problemas ambientais existe ecolinguística. Vejam-se as teses e dissertações a seguir, produzidas sem intenção de estar fazendo ecolinguística, ou seja, muito antes do surgimento ou da decolagem da disciplina com o livro de 1993 *Ökolinquistik: Eine Einführung (Ecolinguística: uma introdução)*, de Alwin Fill.

\* \* \* \* \*

**1. Isabel Cristina Moura Carvalho.** 1989. *Territorialidade em luta: uma análise dos discursos ecológicos*. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia da Educação, Fundação Getúlio Vargas.

**Resumo:** Destacamos duas matrizes discursivas que interpretam o acontecimento ecológico: o discurso ecológico oficial e o discurso ecológico alternativo. O primeiro é aquele enunciado pelas instituições governamentais e intergovernamentais. Opera dentro dos limites do pensamento liberal, propondo estratégias ecológicas compatíveis com o desenvolvimento industrial capitalista. O segundo está ligado aos setores do movimento ecológico que empreendem uma crítica radical ao modo de produção capitalista, à cultura urbano-industrial, e à razão ocidental. Aponta soluções baseadas em modos não predatórios de produção, bem como numa outra ética das relações entre os homens. Constitui-se no contexto dos chamados novos movimentos sociais e produz, através de uma prática política diferenciada, novos valores e novos sujeitos sociais. Esses discursos lutam, de seus lugares antagônicos, por territórios de significação, disputando a hegemonia da interpretação do acontecimento ecológico. Disponível em:



<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9007/000054683.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

\* \* \* \* \*

**2. Paula Csillag.** 1999. “*A SEMIÓTICA APLICADA ÀS ORGANIZAÇÕES: Uma Análise do Discurso Ambiental das Empresas*”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: AESP/FGV, 1999.

**Resumo:** O trabalho utiliza algumas ferramentas da Semiótica para realizar uma análise do discurso ambiental das empresas. Assim, analisa os pormenores que se encontram por trás do discurso oficial das empresas, chegando ao discurso real, ou que está nas entrelinhas do que é oficialmente divulgado. Na análise do discurso, também é feita uma análise do papel ético e da responsabilidade social das empresas na sociedade. Uma vez encontrado o discurso real, o trabalho apresenta uma orientação para a formulação de futuros discursos empresariais ambientais. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/5128>

\* \* \* \* \*

**3. Cristina Pontes Bonfiglioli.** 2008. *Discurso ecológico: a palavra e a fotografia no Protocolo de Kyoto*. Tese de Doutorado, USP/Escola de Comunicações e Artes.

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo relacionar operações discursivas distintas a palavra e a imagem a partir de um recorte também duplo, o discurso ecológico constituído pelo Protocolo de Kyoto e as fotografias que se auto-designam como representações imagéticas do mesmo. O trabalho elabora relações, aproximando e diferenciando conceitos como formação discursiva e enunciação de Foucault; escritura, de Derrida; representação, de Heidegger; gesto fotográfico, de Flusser, e ato fotográfico, de Dubois; Sensação, de Deleuze, além de incluir as abordagens teóricas sobre a fotografia de paisagem, de Krauss e considerações sobre a natureza e a história da fotografia, de Fabris. A partir da convenção que define que toda fotografia é permeada por texto ou por formações discursivas, propôs-se a análise de grupos de imagens fotográficas desvinculadas de seus textos de origem, mas às quais se atribui o papel de ilustração do Protocolo de Kyoto. O resultado mostra que há fotografias produzidas como cópias estereotipadas da significação que seus textos de origem lhes impõem e há outras que conseguem desvincular-se deles, apresentando-se ao observador como fruição e Sensação. O Protocolo de Kyoto é representado pelos textos e formações discursivas que o organizam e o instituem, mas não por todas as imagens fotográficas que lhe são associadas. Tais fotografias expressam maior autonomia em relação aos seus contextos de origem porque seus elementos estéticos são vetores de força mais intensa que a escritura científica que legitima o valor de verdade do Protocolo. Disponível aqui:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-19052009-162931/publico/173525.pdf>

\* \* \* \* \*

**4. Flávia Pereira Dias Menezes.** 2008. *Mídia e questões ambientais: análise do discurso ambiental nos jornais mineiros*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, MG, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.

**Resumo:** Este trabalho busca analisar a composição discursiva sobre questões ambientais presente no jornalismo impresso em dois jornais em Minas Gerais. O estudo envolveu a leitura e análise de matérias jornalísticas do Estado de Minas e do Hoje em Dia no período entre maio e junho de 2007, marcado pela temática aquecimento global e o Dia Mundial do Meio Ambiente. Para operacionalização da análise foi utilizada como metodologia a análise do discurso francesa, proposta por Maingueneau, Brandão e Orlandi. A importância de analisar tal composição discursiva está no fato de que hoje, os processos de comunicação acontecem em redes, e mudanças profundas e irreversíveis nos processos de produção e intercâmbios simbólicos estão presentes na sociedade contemporânea, afetando, como nunca se viu antes, a vida das pessoas. A abordagem do tema ambiental permite interpretar a essência de uma interface global midiática. Por conseguinte, a análise da mídia permite detectar o papel importante que ela tem na divulgação de políticas públicas nacionais e internacionais nesta área. Com certeza, isso evidencia seu caráter de formadora de opinião. Diante dessas abordagens que se instituem, como a mídia tem apresentado as questões ambientais e por que são assim expostas? Para tanto, se faz necessário discutir como as matérias jornalísticas se fazem. A pesquisa tem o objetivo de analisar o discurso ambiental presente nos jornais Estado de Minas e Hoje em Dia, através dos gêneros informativos e opinativos; identificar as seções nas quais as questões ambientais estão presentes e caracterizar as estratégias discursivas presentes nos jornais. A interpretação dos dados analisados permitiu evidenciar, entre outros resultados, que o discurso ambiental presente nos jornais mineiros remete a outros discursos como a predominância das fontes oficiais e o destaque à racionalidade econômica associada aos pressupostos do desenvolvimento sustentável. Disponível em:

<https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4092/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

\* \* \* \* \*

**5. Cristina Zanella Rodrigues.** 2009. *“As mudas romperam o silêncio”*: Discurso ecológico e movimento campesino. Dissertação de Mestrado em Letras – UCPel. Pelotas, RS.

**Resumo:** As mudanças significativas nas relações envolvendo seres humanos e meio ambiente têm abalado o mundo e feito a sociedade refletir acerca da maneira como vem interagindo com a natureza. A concepção segundo a qual os recursos da Terra são inesgotáveis e podem progredir indefinidamente em direção ao futuro não mais se sustenta. Um discurso de resistência que procura denunciar a necessidade de mudança de paradigma, incluindo a transformação na maneira como interagimos com a natureza surge no cenário mundial. Desde então, a questão ecológica vem se tornando um dos principais assuntos, quando se discute o futuro da humanidade. Um acontecimento que está relacionado com essa questão trouxe à tona questionamentos importantes. Trata-se da ação de cerca de mil e quinhentas mulheres da Via Campesina que se desenrolou em 8 de março de 2006, no Horto Florestal da empresa Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro no Rio Grande do Sul. Na ocasião, as mulheres procuraram dar cabo das mudas de eucalipto e danificaram o laboratório mantido pela empresa. Tal acontecimento foi amplamente divulgado na mídia, debatido pelos movimentos sociais, discutido por representantes políticos e pela sociedade, dando início a novos processos discursivos no âmbito do discurso ecológico. O objeto deste trabalho é composto por textos divulgados pelas partes

envolvidas – Mulheres da Via Campesina e Aracruz Celulose – através dos quais analisam-se elementos do interdiscurso que aí irrompem e observam-se os movimentos de sentido a partir de posições em formações discursivas diferentes que podem ressignificar (se) na relação com o discurso ecológico. Disponível em:

[https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/10/As\\_mudas\\_romperam\\_o\\_silencio-Cristina\\_Rodrigues.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/10/As_mudas_romperam_o_silencio-Cristina_Rodrigues.pdf)

\* \* \* \* \*

## 8. VARIA

**1. Francisco Gomes de Matos**, um dos primeiros a falar em Ecolinguística no Brasil e certamente o primeiro a relacionar linguagem e Ecologia, fez a seguinte pergunta a **Alwin Fill**:

-Qual foi a surpresa mais agradável em Ecolinguística na última década? Por quê?  
[email de 13 de janeiro de 2021: <[fcardosogomesdematos@gmail.com](mailto:fcardosogomesdematos@gmail.com)>]

A resposta foi a seguinte:

-“Para mim, a surpresa mais agradável foi ser convidado para proferir uma conferência plenária no Encontro de Ecolinguística em Fortaleza. Eva e eu ficamos no Brasil por mais de uma semana e fomos convidados a visitar vários lugares maravilhosos na costa. Quem me convidou foi o professor Hildo Honório do Couto.

Foi uma pena não ter sido possível visitá-lo (a Francisco Gomes de Matos). O Brasil será para sempre um jardim de beleza e ciência na minha memória.

Meus melhores cumprimentos,

Alwin Fill”: <[alwin.fill@uni-graz.at](mailto:alwin.fill@uni-graz.at)>]

\* \* \* \* \*

## 2. China Association of Ecolinguistics

A Ecolinguística está se desenvolvendo a passos largos na China. Veja-se o seu site:

<http://www.ecoling-china.org.cn/2017/xhgk/446031.shtml>

Na seção ADE do site da Linguística Ecológica há uma seção contendo artigos da ADE chinesa, com 9 textos. Ei-la: <http://www.ecoling.unb.br/noticias/ade-chinesa>